

GT: 9

**DA CARTA PESSOAL À CARTA PEDAGÓGICA: UMA TRAVESSIA
FREIREANA ENTRE AFETOS, PALAVRAS E FORMAÇÃO**

Ana Maria Sampaio dos Santos¹

Nilda Stecanela - orientadora²

Ipueiras, 13 de novembro de 2025.

Prezada Comissão Organizadora, estimadas(os) leitoras(es),

Instigadas pelo convite generoso de minha orientadora, que inspira a escrita desta carta pedagógica como gesto de diálogo e partilha, início a escrita, entrelaçando experiências, inquietações e aprendizados. Esta carta nasce do desejo de ocupar com sentido os espaços de formação e circulação de saberes, a exemplo deste evento, que acolhe e potencializa práticas educativas comprometidas com a transformação. Que estas palavras encontrem ressonância e provoquem novas escritas.

A carta entrou na minha vida como quem chega com esperança. Antes de ser instrumento pedagógico, ela foi meio de comunicação entre mundos: do sertão nordestino ao sudeste urbano, atravessando distâncias e saudades. Era por meio das cartas que minha família enviava notícias ao meu pai, que havia migrado em busca de trabalho para garantir melhores condições de vida para nós, quatro filhos e minha mãe. A cada mês, uma ou duas cartas faziam esse percurso.

Eu era a redatora de cá, e do lado de lá, um amigo lia e escrevia para meu pai. Sabe por quê? Porque meu pai não teve acesso à escolarização.

¹Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Bolsista *Stricto* – Lei 12.102. E-mail: anasampaio.santos@hotmail.com

² Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação e Coordenadora do Observatório de Educação da Universidade de Caxias do Sul. Bolsista em Produtividade do CNPq. E-mail: nildastecanela@gmail.com

Sabia apenas assinar o nome, aprendido com minha mãe, que, com seus poucos anos de estudo, o ensinou a memorizar os traços da escrita. E assim, com o nome aprendido, trocou de identidade: já não era mais “analfabeto” nos documentos.

Essas cartas, escritas à luz do candeeiro, ou da lamparina, como chamávamos, nos levavam a sonhar. Do Sudeste, vinham relatos que misturavam o barulho das ondas do mar ao vento, o trânsito das pessoas e dos veículos, imagens que só conhecíamos por esse documento que nos atravessava. A carta, então, não era apenas notícia: era imaginação, era mundo.

Foi em 2021, durante o curso de mestrado, que fui apresentada à carta pedagógica pela professora Nilda, minha orientadora. Inspirada pela proposta freireana, essa escrita me revelou novos caminhos para pensar a formação docente: uma escrita que não se dissocia da vida, que acolhe, denuncia e anuncia. Desde então, mesmo sem grandes produções, a carta pedagógica passou a habitar minha trajetória acadêmica como presença discreta, mas potente.

E a professora Nilda já usa a carta como forma de planejamento educativo, há mais de duas décadas, na conversa com seus estudantes, desde a Educação e também no Ensino Superior, na graduação e na pós-graduação (Stecanela; Pedro, 2019). Nem sempre foram cartas pedagógicas, mas sempre foram desejos do encontro, genuinamente humano, testemunhando o verdadeiro diálogo que Martin Buber e Paulo Freire nos convidam a experienciar. A identificação como carta pedagógica, emergiu das reflexões a partir de Paulo Freire, nas múltiplas obras em que escreve na forma de cartas mas, também, pelas sistematizações e parcerias com a professora Ana Lúcia Souza de Freitas (2021).

Assim, esta carta, escrita em parceria com a professora Nilda, é um relato de travessia. Uma travessia que parte da intimidade da carta pessoal e se desloca para o campo da formação, sem perder o tom afetivo que a constitui. Entendemos a carta pedagógica como espaço de resistência, como lugar onde o saber se entrelaça com o viver. Aqui, compartilho como essa escrita tem sido companheira de caminhada, compondo sentidos, provocando reflexões e anunciando esperanças.

Ainda guardo, entre meus arquivos eletrônicos, a primeira escrita de apresentação entre orientanda e orientadora. A primeira disciplina do mestrado já se aproximava do fim, e os estudantes começavam a estabelecer os primeiros contatos com seus respectivos orientadores e orientadoras. A mensagem que recebi trazia um tom acolhedor, escrita em um gênero que, embora não me fosse desconhecido, revelava-se agora em um novo contexto. Apesar de não conhecer a destinatária, devido à Pandemia da Covid-19, eu em Ipueiras e ela em Caxias do Sul, sua escrita transmitia proximidade, um abraço à distância, um “seja bem-vinda” afetuoso que aproximava, simbolicamente, o Nordeste e o Sul.

Essa travessia geográfica e afetiva foi a primeira de muitas que viriam. A aprovação no processo seletivo do mestrado, as vivências iniciais, as escritas e as trocas aconteceram em pleno período pandêmico, tempo que nos impossibilitou o abraço, o encontro presencial, o convívio acadêmico nos corredores da universidade. Foi nesse cenário de distanciamento que a carta pedagógica se apresentou como possibilidade de encontro. Inspirada pela proposta freireana, a escrita da professora Nilda não apenas me acolheu, mas me convocou a pensar a educação como espaço de escuta, de afeto e de compromisso ético.

A carta, então, deixou de ser apenas um gênero textual e passou a constituir-se como prática formativa. Inspiradas pelas reflexões de Freire (2003), compreendemos que a escrita pode funcionar como um modo de presença, mesmo na ausência física, uma forma de estar com o outro, de construir vínculos e partilhar sentidos. E foi exatamente isso que aconteceu: a carta nos aproximou, nos conectou, nos fez sentir parte de um mesmo projeto de formação, mesmo em tempos de isolamento.

Nesse sentido, esse gênero passou a integrar minhas práticas de escrita, sendo mobilizado em diferentes espaços formativos e acadêmicos. Algumas dessas produções foram submetidas a eventos como os Fóruns de Leituras Paulo Freire, dos quais participo desde 2022, e ao Piquenique Paulo Freire, que aconteceu em Paris, em 2023. Outras escritas, embora não publicizadas em eventos, possibilitaram encontros significativos, como o convite às interlocutoras empíricas que aceitaram participar como entrevistadas na minha dissertação. Além disso, o capítulo de considerações finais da

dissertação também adotou esse formato, podendo ser compreendido como uma escrita de em nível metanarrativa, a qual abriu portas para as continuidades em nível de doutorado, iniciado em 2025, com a mesma orientadora.

Ao reconhecer a potência da carta pedagógica em minha trajetória formativa, evocamos também os ensinamentos de Freire (1996), ao nos lembrar que ensinar exige pesquisa, curiosidade e abertura ao inédito e ao outro. É nesse movimento de busca e reinvenção que a escrita da carta pedagógica se inscreve como prática que não apenas comunica, mas também forma, convoca e transforma.

E assim, caro(a)(s) leitor(a)(es), este texto pedagógico marca uma nova travessia em minha trajetória. Mais uma vez, a presença generosa de Stecanela se fez ponte. Lá do Sul, ela convidava esta cearense a participar da seleção de doutorado que ocorreria em 2024. Não hesitei. O tempo era exíguo para a escrita do pré-projeto, mas a vontade de seguir adiante era maior do que qualquer obstáculo. Fiz a inscrição, enviei o projeto e, então, veio a etapa da prova escrita. Para minha surpresa, diante da proposta, me senti convidada a redigir uma carta pedagógica à comissão do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade de Caxias do Sul – UCS. E, para minha maior surpresa, cá estou: escrevendo este registro pedagógico enquanto curso o segundo semestre do doutorado.

Ressalto, caro leitor, que no contexto da seleção, a carta pedagógica não se configurava como uma exigência formal; ao contrário, senti-me convidada a escrevê-la. O programa, de forma acolhedora, por meio de um gesto de escuta e abertura ao outro, permitiu-me narrar sobre a educação do futuro. Inspirada pela perspectiva freireana, compreendo que antes de decifrar a palavra escrita, é preciso ler o mundo em sua complexidade e historicidade. Essa leitura sensível da própria trajetória é o que permite encontrar sentido para seguir adiante, reconhecendo-me como sujeito em constante formação. A educação, nesse contexto, revela-se como prática de liberdade, pois possibilita a reinvenção de si e a transformação da realidade a partir da experiência vivida (Freire, 1989).

Esse exercício de escrita, tão presente em minha trajetória acadêmica, continua a me atravessar de forma significativa. No momento, estou envolvida

na elaboração da resenha do livro *Varal de Cartas Pedagógicas: constituir-se pesquisador(a) em Educação*, organizado por Nilda Stecanela e Débora Bizotto (Stecanela; Bizotto, 2024), respectivamente, orientadora e colega no Grupo de Pesquisa Observa. A cada leitura, sinto-me inspirada; a cada página, emergem conteúdos de vida e formação que dialogam com minha caminhada como pesquisadora. Essa experiência reafirma o poder da escrita como espaço de escuta, reflexão e construção de saberes.

Encerramos esta escrita como quem compartilha um gesto de afeto e compromisso com a formação. Esta travessia, da carta pessoal à carta pedagógica, foi tecida com palavras que emergem da vida, da escuta e da esperança. Ao longo do percurso, fomos atravessadas por convites, leituras e experiências que nos constituem como pesquisadoras em movimento. A escrita, aqui, não é apenas registro, mas território de formação, onde o diálogo se faz presença e a palavra se torna ponte.

Agradecemos a quem nos lê com sensibilidade e abertura. Que esta carta inspire outras travessias, outras escritas, outras formas de dizer-se no mundo.

Com carinho,

Por nós, orientanda e orientadora.

Palavras-chave: Afeto. Formação. Esperança.

Referências:

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 173 p. (O mundo, Hoje, v. 22).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 11, p. 1–20, 2021. DOI: [10.35699/2237-5864.2021.35283](https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.35283). Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/35283>. Acesso em: 13 nov. 2025.

STECANELA, NILDA; PEDRO, Joanne Cristina . A relação pedagógica mediada por cartas de aula: rotas dialógicas e ecos de uma experiência no Ensino Superior. In: Nilda Stecanela; Andréia Morés. (Org.). Diálogos com a educação: cenários da formação e da atuação docente. 1ed.Caxias do Sul: EDUCS, 2019, v. 4, p. 26-44.

STECANELA, Nilda; BIZOTTO, Débora Salvador. Varal de Cartas Pedagógicas: constituir-se pesquisador(a) em Educação. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2024.